

Avaliação do risco de extinção do Furão grande *Galictis vittata* (Schreber, 1776) no Brasil

Carlos Benhur Kasper¹, Renata Bornholdt² & Livia de Almeida Rodrigues³

Joares May



Risco de Extinção

Menos Preocupante (LC)

Ordem: Carnivora

Família: Mustelidae

Nome popular

Furão grande, furão maior (português), hurón, huroncito, grisón, perro de água (espanhol), greater grison (inglês).

Submetido em: 22 / 09 / 2012

Aceito em: 21 / 06 / 2013

Justificativa

Os dados existentes sobre *Galictis vittata* concentram-se no norte da América do Sul e América Central. Há indícios de que a espécie está restrita à região da bacia Amazônica e que é muito suscetível às alterações do ambiente, o que poderia sugerir declínio populacional. Entretanto, não existem dados indicando que este declínio pode atingir a espécie como um todo. Desta forma, a espécie é classificada como Menos Preocupante (LC), ressaltando-se, entretanto, a importância da realização de pesquisas que enfoquem sua ecologia e os efeitos de doenças oriundas de animais domésticos sobre suas populações.

Notas taxonômicas

Atualmente, são reconhecidas duas espécies do gênero *Galictis*: o furão pequeno (*G. cuja*, Molina, 1782) e o furão grande (*G. vittata*, Schreber, 1776) (Wozencraft 2005). Esses animais ocorrem em toda a região Neotropical, ou seja, da metade sul do México até a patagônia chilena e Argentina. A história taxonômica desses carnívoros é longa e complexa, mas a taxonomia moderna, que iniciou com os trabalhos de Thomas (1907, 1912, 1921), definiu duas espécies de *Galictis*, uma maior que apresenta uma cúspide no primeiro molar inferior (o metaconídeo), *G. vittata*, e outra menor, que não apresenta tal estrutura dentária, *G. cuja*. Essas características permearam a identificação das espécies de furões durante muitos anos e ainda hoje são uma base

Afiliação

¹ Universidade Caxias do Sul/UCS.

² Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul/FADERGS.

³ Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros-CENAP/ICMBio.

E-mails

cbkasper@yahoo.com.br, reborn@terra.com.br, livia.rodrigues@icmbio.gov.br

para a distinção das espécies de *Galictis*. O tempo de divergência entre os táxons foi inferido entre cerca de dois a três milhões de anos (Koepfli *et al.* 2008, Sato *et al.* 2012). A distribuição atual das duas espécies viventes de *Galictis* mostra que *G. vittata* possui uma relação íntima com florestas mais úmidas e fechadas, desde as florestas tropicais do México se estendendo por toda a América Central e Bacia Amazônica (Bornholdt *et al.* 2013).

Segundo Yensen & Tarifa (2003), são reconhecidas quatro subespécies: *G.v. andina* Thomas, 1903, *G. v. brasiliensis* (Thunberg, 1820), *G. v. canaster* Nelson, 1901 e *G.v.vittata* (Schreber, 1776).

Histórico das avaliações nacionais

A espécie não foi incluída na lista nacional anterior de fauna ameaçada (MMA 2003).

Avaliações em outras escalas

A espécie foi classificada em nível global, como Menos Preocupante (LC) pela IUCN (Cuarón *et al.* 2008).

Distribuição geográfica

G. vittata possui uma relação íntima com florestas mais úmidas e fechadas, ocorrendo desde as florestas tropicais do México e se estendendo por toda América Central e Bacia Amazônica (Bornholdt *et al.* 2013). Essa distribuição quase que exclui quaisquer outros biomas sul-americanos, como as savanas argentinas, o pampa gaúcho e a maior parte da Mata Atlântica. No Maranhão, há indícios de ocorrência das duas espécies de *Galictis* (Oliveira 2009) provavelmente associados ao ecótono Cerrado/Amazônia.

Não há registros confirmados desta espécie em unidades de conservação. Porém, como é uma espécie florestal amazônica, é provável que ocorra em diversas unidades dessa região.

População

Galictis vittata tem baixa densidade populacional ao longo de sua distribuição, sendo considerada incomum ou rara devido à ausência de registros (Yensen & Tarifa 2003). Segundo Eisenberg *et al.* (1979 citado em Yensen & Tarifa 2003), a densidade populacional estimada foi de 1–2,4 indivíduos/km² nos llanos da Venezuela. Entretanto, para Yensen & Tarifa (2003), dados de radiotelemetria sugerem densidades mais baixas. Estudos no Brasil reforçam estas densidades mais baixas. Em áreas protegidas em Maracá (RR), a abundância foi de 0,2 indivíduos/km² e não foi registrado em áreas impactadas (Mendes Pontes 2004).

Habitat e ecologia

Os furões grandes habitam preferencialmente ambientes de floresta e savana, podendo ser encontrados em uma variedade de ambientes desde florestas tropicais primárias a áreas de campos abertos e regiões de plantações (Emmons 1997, Yensen & Tarifa 2003). No Brasil, ocorrem somente na floresta amazônica (Bornholdt *et al.* 2013). São frequentemente observados perto de corpos d'água e áreas alagadas, sendo considerados bons nadadores, podendo até caçar dentro da água (Emmons 1997). Os indivíduos da espécie viajam de 2 a 3 km por dia intercalando momentos de descanso diários com deslocamento (Yensen & Tarifa 2003).

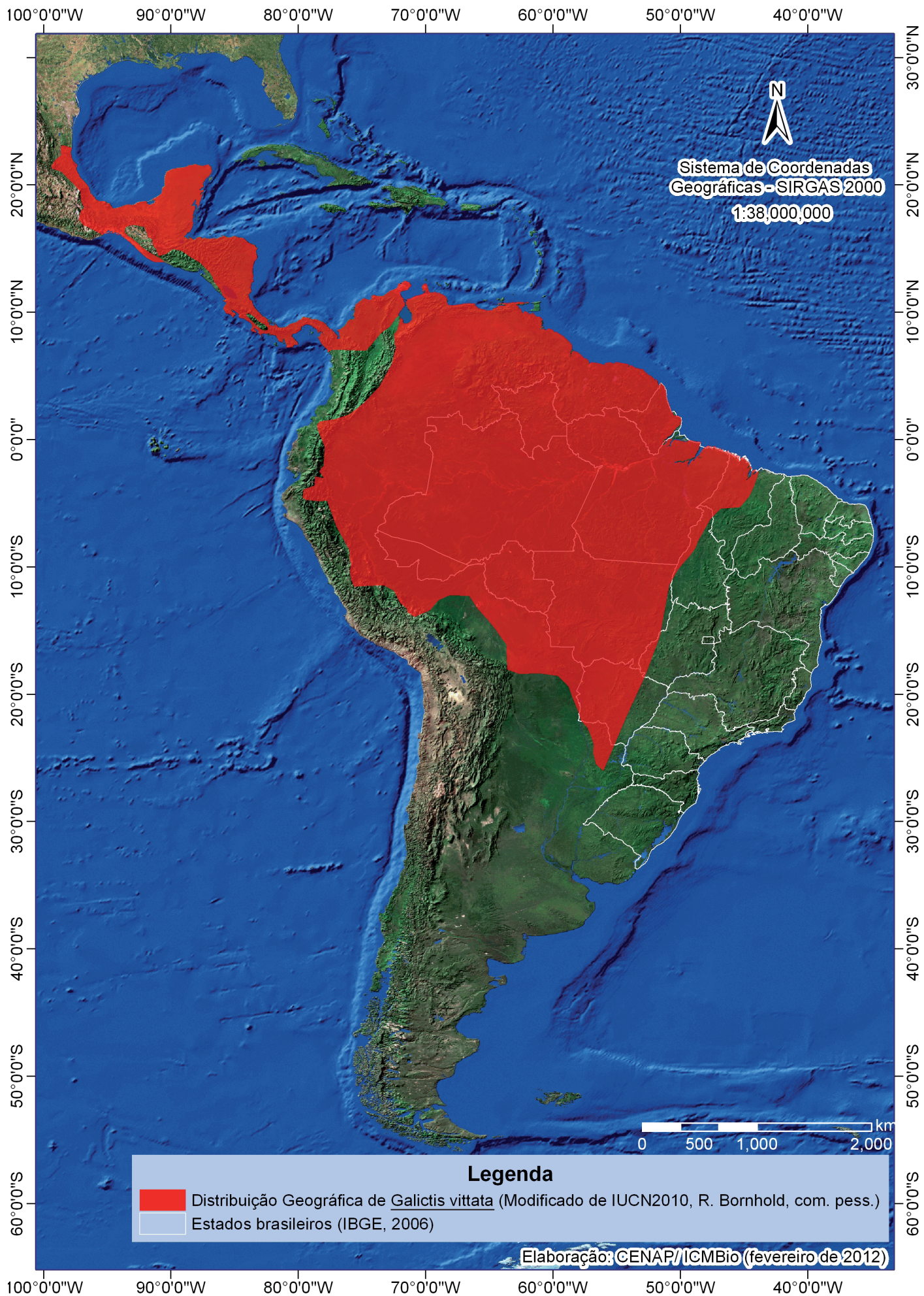


Figura 1 – Distribuição geográfica do Furão grande, *Galictis vittata*.

Galictis vittata possui hábito alimentar variado, consumindo vertebrados, invertebrados, ovos e frutos (Reis *et al.* 2006). De acordo com Emmons (1997) a espécie possui hábito carnívoro, predando pequenos vertebrados como roedores, aves, répteis, anfíbios e peixes. Os indivíduos de *Galictis vittata* caçam tanto nas árvores como no chão (Eisenberg & Redford 1999, Mendes Pontes, com. pess.). Kays (1996) registrou o comportamento de predação de uma cutia *Dasyprocta punctata* por *Galictis vittata* no Panamá. Segundo o autor, a observação permitiu especular que os furões grandes provavelmente caçam pelo cheiro, seguindo a trilha da presa e perseguindo-a até finalmente capturá-la.

Em um estudo realizado nos llanos venezuelanos, a área de vida estimada para uma fêmea adulta foi de 4,2 km² (Eisenberg & Redford 1999, Reis *et al.* 2006).

Ameaças e usos

Para Yensen & Tarifa (2003), populações de *Galictis vittata* são afetadas negativamente pelo desmatamento, exploração madeireira, poços de petróleo e construção de estradas. Segundo os autores, foram observados efeitos negativos na população de furão grande na Venezuela devido à caça e construção de barragens.

Em um estudo em unidade de conservação e fragmentos florestais no Pará, Sampaio (2007) sugere que a ausência de *G. vittata* nas amostragens em campo pode ser devido ao histórico de alterações de habitat na região, reduzindo ainda mais as populações da espécie na área.

Segundo Cuarón *et al.* (2008), a espécie é tolerante a algumas alterações antrópicas ao ambiente natural, sendo a caça o que tem revelado maior efeito negativo sobre suas populações. Além disso, em algumas regiões de sua distribuição, os indivíduos da espécie tem sido vendidos como animais de estimação.

Ações de conservação

Não são conhecidas ações de conservação para a espécie. Porém, aparentemente a espécie é associada a florestas preservadas da região amazônica, de forma que a manutenção de áreas protegidas nesta região deve ser incentivada como medida de conservação.

Durante a Oficina de Avaliação do Estado de Conservação de *G. vittata* foram consideradas importantes as seguintes ações de conservação: proteção do habitat, prevenção de doenças de animais domésticos, investigação sobre os limites de ocorrência e suscetibilidade à fragmentação florestal e estimativas de tamanho populacional.

Pesquisas existentes

Há pesquisas em curso, utilizando métodos morfológicos e moleculares, que visam a revisão do gênero.

Referências bibliográficas

Bornholdt, R.; Helgen, K.M.; Koepfli, K.P.; Oliveira, L.R.; Lucherini, M. & Eizirik, E. 2013. Taxonomic revision of genus *Galictis* (Carnivora: Mustelidae): species delimitation, morphological diagnosis and refined mapping of geographic distribution. **Zoological Journal of the Linnean Society**, 167: 449-472.

Cuarón, A.D.; Reid, F. & Helgen, K. 2008. *Galictis vittata*. In: **IUCN 2010. IUCN Red list of threatened species. Version 2010.4**. <www.iucnredlist.org>. Acessado em 17/12/2010.

Eisenberg, J.F. & Redford, K.H. 1999. **Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil**. University of Chicago. 609p.

- Emmons L.H. 1997. **Neotropical rainforest mammals: a field guide**. 2nd ed. Univ. of Chicago Press, Chicago, Illinois. 281 pp.
- Koepfli, K.P.; Deere, K.; Slater, G.J.; Begg, C.; Begg, K.; Grassman, L.; Lucherini, M.; Veron, G. & Wayne, R.K. 2008. Multigene phylogeny of the Mustelidae: resolving relationships, tempo and biogeographic history of a mammalian adaptive radiation. **BMC Biology**, 6: 10.
- Kays, R.W. 1996. Comments on the behaviour of a grison (*Galictis vittata*) hunting an agouti (*Dasyprocta punctata*). **The Newsletter and Journal of the IUCN/SSC Mustelid, Viverrid & Procyonid Specialist Group**, 15: 5.
- Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A. & Lima, I.P. 2006. **Mamíferos do Brasil**. Londrina. 437p.
- Sampaio, R. 2007. **Efeitos a longo prazo da perda do habitat e da caça sobre mamíferos de médio e grande porte na Amazônia Central**. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade Federal do Amazonas. 54p.
- Sato, J.J.; Wolsan, M.; Prevosti, F.J.; D'Elía, G.; Begg, C.; Begg, K.; Hosoda, T.; Campbell, K.L. & Suzuki, H. 2012. Evolutionary and biogeographic history of weasel-like carnivorans (Musteloidea). **Molecular Phylogenetics and Evolution**, 63: 745-757.
- Thomas, O. 1907. On Neotropical mammals of the genera *Callicebus*, *Reithrodontomys*, *Ctenomys*, *Dasyprocta*, and *Marmosa*. **Annals and Magazine of Natural History**, 20: 161-168.
- Thomas, O. 1912. Small mammals from South America. **Annals and Magazine of Natural History**, 10: 44-48.
- Thomas, O. 1921. The "huron" of the Argentine. **Annals and Magazine of Natural History**, 8: 212-213.
- Yensen, E. & Tarifa, T. 2003. *Galictis vittata*. **Mammalian Species**, 727: 1-8.

Ficha Técnica

Oficina de Avaliação do Estado de Conservação dos Mamíferos Carnívoros do Brasil. Data de realização: 29 de novembro a 1 de dezembro de 2011. Local: Iperó, SP

Avaliadores: Antonio Rossano Mendes Pontes, Beatriz de Mello Beisiegel, Carlos Benhur Kasper, Caroline Leuchtenberger, Claudia Bueno de Campos, Emiliano Esterici Ramalho, Flávio Henrique Guimarães Rodrigues, Francisco Chen de Araújo Braga, Frederico Gemesio Lemos, Kátia M. P. M. B. Ferraz, Lilian Bonjorne de Almeida, Lívia de Almeida Rodrigues, Mara Marques, Marcos Adriano Tortato, Oldemar Carvalho Junior, Peter Gransden Crawshaw Jr., Renata Leite Pitman, Ricardo Sampaio, Rodrigo Jorge, Rogério Cunha de Paula, Ronaldo Gonçalves Morato, Tadeu Gomes de Oliveira, Vânia Fonseca.

Colaboradores: Elaine Marques Vieira (Bolsista PIBIC/ICMBio – compilação de dados); Fabrício Pinheiro da Cunha (compilação de dados); Lilian Bonjorne de Almeida e Francisco Chen de Araujo Braga (CENAP/ICMBio – elaboração do mapa); Estevão Carino Fernandes de Souza, Roberta Aguiar e Cláudia Cavalcanti Rocha-Campos (facilitação e relatoria da Oficina).

Mapa: Lilian Bonjorne de Almeida e Francisco Chen de Araujo Braga

Foto: Joarez May